



O CONCEITO DE SAÚDE ÚNICA (*ONE HEALTH*) COMO ESTRATÉGIA PARA PREVENÇÃO DE PANDEMIAS: UMA ANÁLISE CRÍTICA DA LITERATURA RECENTE

THE *ONE HEALTH* CONCEPT AS A STRATEGY FOR PANDEMIC PREVENTION: A CRITICAL ANALYSIS OF RECENT LITERATURE

EL CONCEPTO DE UNA SALUD COMO ESTRATEGIA PARA LA PREVENCIÓN DE PANDEMIAS: UN ANÁLISIS CRÍTICO DE LA LITERATURA RECENTE



<https://doi.org/10.56238/levv17n56-012>

Data de submissão: 07/12/2025

Data de publicação: 07/01/2026

Nelson Afonso da Maia

Graduado em Medicina

Instituição: Universidade Federal do Piauí

E-mail: nelfon.tlmtl@gmail.com

Mariana Lima Malheiros Leal

Especialização em Gestão de Política de DST, AIDS Hepatites Virais e Tuberculose

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: marifarmaceutica2010@hotmail.com

Andres Santiago Quizhpi Lopez

Pós-graduação em Traumatologia Bucomaxilofacial

Instituição: Universidad Católica de Cuenca - sede Azogues

E-mail: ansaquilo@yahoo.es

Alexandre Maslinkiewicz

Especialização em Vigilância e Cuidado em Saúde no Enfrentamento da COVID-19 e outras

Doenças

Instituição: Universidade Federal do Piauí

E-mail: alexmaslin@ufpi.edu.br

Emerson Marcio Gusmão

Mestre em Biologia Animal

Instituição: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Campus JK

E-mail: emerson.gusmao@unimontes.br

Márcia Jeane do Rego Dias

Doutoranda em Ciências Ambientais

Instituição: Universidade Federal do Oeste do Pará

E-mail: jeanedias.10@hotmail.com

Daniela Reis Joaquim de Freitas

Professora do Programa de Pós-graduação em Saúde da Mulher

Instituição: Universidade Federal do Piauí

E-mail: danielarjfreitas@yahoo.com.br

Viriato Campelo

Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências e Saúde

Instituição: Universidade Federal do Piauí

E-mail: viriato.campelo@bol.com.br

RESUMO

O conceito de Saúde Única, internacionalmente denominado One Health, refere-se a uma abordagem integrada que reconhece a interdependência entre a saúde humana, a saúde animal e a saúde ambiental, perspectiva incorporada em agendas globais de saúde diante do aumento de riscos sanitários complexos. Esse estudo tem como objetivo analisar criticamente a produção científica recente sobre o conceito de Saúde Única no contexto da prevenção de pandemias. Para isso, realizou-se uma revisão narrativa da literatura, de natureza qualitativa, realizada a partir de buscas nas bases PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde. A análise dos estudos selecionados permitiu identificar que a literatura converge ao destacar a vigilância integrada, a governança intersectorial, a biossegurança e a articulação com marcos normativos internacionais como eixos centrais. Observa-se, ainda, a existência de desafios relacionados à operacionalização do conceito, incluindo limitações institucionais, desigualdades estruturais e diversidade de interpretações conceituais. Desse modo, conclui-se que a Saúde Única se consolida como um referencial teórico e estratégico relevante para a prevenção de pandemias, ao mesmo tempo em que demanda esforços contínuos de sistematização conceitual e fortalecimento institucional para sua efetiva aplicação no campo da saúde pública.

Palavras-chave: Pandemias. Saúde Única. Vigilância em Saúde. Zoonoses.

ABSTRACT

The concept of One Health refers to an integrated approach that recognizes the interdependence between human health, animal health, and environmental health, a perspective incorporated into global health agendas in the face of increasing complex health risks. This study aims to critically analyze recent scientific production on the One Health concept in the context of pandemic prevention. To this end, a qualitative narrative literature review was conducted using searches in the PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, SciELO, and Virtual Health Library databases. The analysis of the selected studies revealed that the literature converges in highlighting integrated surveillance, intersectoral governance, biosecurity, and articulation with international regulatory frameworks as central axes. Furthermore, challenges related to the operationalization of the concept are observed, including institutional limitations, structural inequalities, and a diversity of conceptual interpretations. Thus, it can be concluded that One Health is consolidating itself as a relevant theoretical and strategic framework for pandemic prevention, while at the same time demanding continuous efforts in conceptual systematization and institutional strengthening for its effective application in the field of public health.

Keywords: Pandemics. One Health. Health Surveillance. Zoonoses.

RESUMEN

El concepto de Una Salud se refiere a un enfoque integrado que reconoce la interdependencia entre la salud humana, la salud animal y la salud ambiental, una perspectiva incorporada en las agendas de salud global ante el aumento de los riesgos complejos para la salud. Este estudio busca analizar críticamente la producción científica reciente sobre el concepto de Una Salud en el contexto de la prevención de pandemias. Para ello, se realizó una revisión narrativa cualitativa de la literatura



mediante búsquedas en las bases de datos PubMed/MEDLINE, Scopus, Web of Science, SciELO y la Biblioteca Virtual de Salud. El análisis de los estudios seleccionados reveló que la literatura converge en destacar la vigilancia integrada, la gobernanza intersectorial, la bioseguridad y la articulación con los marcos regulatorios internacionales como ejes centrales. Además, se observan desafíos relacionados con la operacionalización del concepto, incluyendo limitaciones institucionales, desigualdades estructurales y diversidad de interpretaciones conceptuales. Por lo tanto, se puede concluir que Una Salud se está consolidando como un marco teórico y estratégico relevante para la prevención de pandemias, a la vez que exige esfuerzos continuos de sistematización conceptual y fortalecimiento institucional para su aplicación efectiva en el ámbito de la salud pública.

Palabras clave: Pandemias. Una Salud. Vigilancia Sanitaria. Zoonosis.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de Saúde Única, internacionalmente denominado *One Health*, refere-se a uma abordagem integrada que reconhece a interdependência entre a saúde humana, a saúde animal e a saúde ambiental, perspectiva incorporada em agendas globais de saúde diante do aumento de riscos sanitários complexos. A intensificação das interações entre humanos, animais e ambientes naturais amplia a exposição a agentes infecciosos, configurando um cenário no qual a Saúde Única se apresenta como um referencial conceitual para compreender processos de adoecimento coletivo. Sua formulação busca integrar campos tradicionalmente organizados de forma setorial, assumindo centralidade no enfrentamento de ameaças sanitárias globais (Li; Zhou; Tanner, 2025).

A emergência e reemergência de doenças infecciosas com potencial pandêmico evidenciam a complexidade dos determinantes envolvidos na disseminação de agravos em escala global. Fatores como urbanização acelerada, mobilidade populacional e alterações ambientais intensificam a circulação de patógenos, sendo compreendidos como processos interdependentes e cumulativos. Esses fenômenos extrapolam os limites da saúde humana, situando a Saúde Única como uma abordagem integradora associada à ampliação da capacidade preventiva dos sistemas de saúde (Basheer *et al.*, 2025).

No contexto brasileiro, a relevância das zoonoses como problema de saúde pública evidencia empiricamente a necessidade de abordagens integradas. Dados oficiais do Ministério da Saúde indicam que, entre 2007 e 2023, foram registrados 472.790 casos de doenças zoonóticas no país, com taxa média de incidência de 13,77 casos por 100 mil habitantes, distribuídos de forma heterogênea no território nacional (Brasil, 2025).

Observam-se maiores taxas em regiões e municípios marcados por vulnerabilidades sociais e ambientais, além de tendências crescentes de incidência em determinadas regiões, o que reforça a complexidade dos determinantes envolvidos na circulação desses agravos. Ademais, no mesmo período, foram registrados 139.987 óbitos por zoonoses, com destaque para a carga associada à doença de Chagas, cenário que corrobora a centralidade da articulação entre saúde humana, animal e ambiental como eixo estruturante das estratégias de vigilância e prevenção de riscos sanitários complexos (Brasil, 2025).

As transformações ambientais têm sido associadas à modificação da dinâmica das doenças transmissíveis, considerando que a degradação de ecossistemas, a perda de biodiversidade e o uso intensivo de recursos naturais influenciam a circulação de agentes infecciosos. Esses fatores afetam simultaneamente populações humanas e animais, configurando uma interface crítica para a emergência de doenças. Nesse contexto, a Saúde Única permite compreender essas interações de forma integrada, ampliando a análise dos determinantes sanitários (Silva; Barros, 2025).

Organismos internacionais têm incorporado o conceito de Saúde Única em documentos

orientadores voltados à vigilância e à prevenção de emergências sanitárias. Essa abordagem tem sido utilizada como referencial para a cooperação intersetorial, na qual a articulação entre saúde, meio ambiente e produção animal é elemento central. A fragmentação das ações é apresentada como desafio recorrente, associando-se ao fortalecimento da governança em saúde, aspecto refletido em planos nacionais (Shang; Chou; Fang, 2025).

No campo das zoonoses, é utilizada como instrumento conceitual para ampliar a vigilância de riscos, considerando que grande parte das doenças emergentes tem origem na interface entre humanos e animais. Esse aspecto reforça a necessidade de integração entre sistemas de monitoramento e a superação de práticas isoladas, sendo a abordagem apresentada como resposta à complexidade desses eventos sanitários em contextos pandêmicos (Li; Zhou; Tanner, 2025).

A prevenção de pandemias envolve a identificação antecipada de fatores de risco e a adoção de estratégias coordenadas, uma vez que esses eventos decorrem de processos multifatoriais. Nesse cenário, a Saúde Única contempla essa complexidade ao ampliar o escopo das ações preventivas, destacando-se a integração entre setores como elemento estruturante dessa abordagem (Basheer *et al.*, 2025).

No âmbito da saúde pública, ela tem sido utilizada como eixo orientador para ações integradas de vigilância, com aplicabilidade em atividades de monitoramento ambiental e controle de zoonoses. A integração de informações entre setores é fundamental para o enfrentamento de riscos emergentes, ampliando a capacidade de resposta dos sistemas de saúde e contribuindo para a organização das práticas preventivas em diferentes contextos institucionais (Shang; Chou; Fang, 2025).

A incorporação da Saúde Única também está associada ao aprimoramento das respostas a emergências sanitárias, considerando a articulação entre diferentes níveis institucionais. A abordagem apoia a tomada de decisão em cenários complexos, nos quais a integração de dados e saberes assume papel estratégico na preparação frente a ameaças globais (Kayembe-Mulumba *et al.*, 2025).

Apesar de sua ampla utilização, observa-se diversidade de interpretações do conceito é um reflexo da amplitude de áreas envolvidas em sua aplicação. A ausência de uniformidade conceitual é um desafio recorrente, uma vez que a dispersão de abordagens pode dificultar sua compreensão operacional, evidenciando a necessidade de organização do conhecimento disponível (Rizzotto *et al.*, 2024).

O uso crescente do termo em publicações científicas e documentos institucionais reforça sua centralidade nos debates contemporâneos. Entretanto, a variedade de enfoques pode comprometer sua operacionalização prática, indicando a necessidade de sistematização das produções existentes. A organização da literatura permite identificar tendências conceituais e fundamenta investigações estruturadas sobre o tema (Rizzotto *et al.*, 2024).

O problema de pesquisa deste estudo relaciona-se à forma como o conceito de Saúde Única

tem sido apresentado na produção científica recente como estratégia para a prevenção de pandemias. Observa-se sua utilização em diferentes áreas e contextos institucionais, contudo a organização conceitual dessas produções ainda carece de análise sistemática, delimitando-se como objeto do estudo a literatura recente sobre o tema (Kayembe-Mulumba *et al.*, 2025).

Nesse contexto, justifica-se a realização deste estudo pela necessidade de organizar e sistematizar a produção científica recente que aborda o conceito de Saúde Única como estratégia para a prevenção de pandemias, considerando a diversidade de enfoques conceituais, institucionais e analíticos presentes nas publicações contemporâneas. Assim, o objetivo do estudo consiste em analisar criticamente a produção científica recente sobre o conceito de Saúde Única no contexto da prevenção de pandemias.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de natureza qualitativa e abordagem descritivo-analítica. A escolha pela revisão narrativa justifica-se por permitir uma análise ampla e contextualizada do tema, possibilitando a articulação de diferentes perspectivas conceituais, normativas e analíticas presentes na literatura contemporânea.

A identificação das publicações foi realizada por meio de buscas nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus, *Web of Science*, SciELO e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), selecionadas por sua relevância no campo da saúde pública, das ciências biomédicas e da saúde global. Complementarmente, foram consultados periódicos internacionais de referência na temática, visando ampliar o escopo analítico da revisão.

Para a estratégia de busca, utilizaram-se descritores controlados extraídos dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e dos *Medical Subject Headings* (MeSH), combinados com operadores booleanos AND e OR. Os descritores empregados incluíram: Saúde Única, Pandemias, Zoonoses e Vigilância em Saúde. As buscas contemplaram publicações nos idiomas português, inglês e espanhol.

A seleção dos estudos foi orientada pela pertinência temática e pela contribuição conceitual das publicações para a compreensão do tema. Foram priorizados artigos publicados entre 2024 e 2025, disponíveis na íntegra, que abordassem vigilância integrada, governança intersetorial, biossegurança, sustentabilidade socioecológica e segurança sanitária global. Não foram incluídos editoriais, cartas ao editor ou publicações que não apresentassem relação direta com o foco da revisão.

A análise dos conteúdos foi conduzida a partir de uma abordagem interpretativa e temática, que possibilitou a organização da produção científica em núcleos de sentido recorrentes. Esses núcleos orientaram a apresentação dos resultados, contemplando dimensões como vigilância integrada de zoonoses, articulação intersetorial, biossegurança, equidade em saúde, sustentabilidade socioambiental e segurança sanitária global. A sistematização desses eixos permitiu agrupar os estudos segundo

convergências conceituais e operacionais, respeitando o caráter narrativo da revisão e sem a pretensão de esgotar o tema ou mensurar efeitos das abordagens analisadas.

Por se tratar de um estudo baseado exclusivamente em fontes secundárias de domínio público, não houve necessidade de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa, em conformidade com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Foram observados os princípios éticos relacionados à integridade científica, à fidelidade na apresentação das ideias dos autores e à correta citação das fontes utilizadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a análise dos dados, nota-se que as zoonoses constituem um problema sanitário persistente e de elevada magnitude no Brasil. Entre 2007 e 2023, foram registrados 472.790 casos de doenças zoonóticas, com média anual de 27.811 casos e taxa média de incidência de 13,77 por 100 mil habitantes. A distribuição desses agravos ocorreu de forma heterogênea no território nacional, com maior concentração em regiões marcadas por vulnerabilidades sociais, ambientais e territoriais, especialmente na Região Norte, o que reforça a interdependência entre fatores ecológicos, sociais e sanitários (Brasil, 2025).

No que se refere à mortalidade, foram registrados 139.987 óbitos por zoonoses no mesmo período, com média anual de 8.235 mortes e taxa média de mortalidade de 4,08 por 100 mil habitantes. Observa-se predomínio expressivo da doença de Chagas, responsável por 75,6% dos óbitos, além de maior impacto entre indivíduos do sexo masculino, idosos e populações residentes em municípios rurais remotos. Esses achados revelam que a carga de mortalidade por zoonoses reflete desigualdades estruturais históricas e persistentes no país (Brasil, 2025).

A experiência brasileira com a pandemia de COVID-19 reforça a importância da vigilância integrada como estratégia de resposta a emergências sanitárias. Em abril de 2024, foram registrados 52.048 casos e 658 óbitos, com redução significativa em relação ao mês anterior, associada à manutenção de ações articuladas de vigilância epidemiológica, laboratorial, genômica e de imunização (Brasil, 2024).

Esse arranjo institucional demonstra, na prática, a relevância de modelos coordenados e intersetoriais para o monitoramento e controle de riscos sanitários complexos (Brasil, 2024). Para sintetizar os principais indicadores de morbimortalidade por zoonoses e COVID-19 no Brasil, apresenta-se a Tabela 1, que reúne dados epidemiológicos oficiais do Ministério da Saúde

Tabela 1 – Indicadores nacionais de morbimortalidade por zoonoses e COVID-19 no Brasil.

Indicador	Período	Resultado
Casos de zoonoses notificados	2007–2023	472.790
Média anual de casos de zoonoses	2007–2023	27.811
Taxa média de incidência de zoonoses	2007–2023	13,77 por 100 mil hab.
Óbitos por zoonoses	2007–2023	139.987
Proporção de óbitos por Doença de Chagas	2007–2023	75,6%
Casos de COVID-19 notificados	Abril/2024	52.048
Óbitos por COVID-19	Abril/2024	658

Fonte: Ministério da Saúde, 2024; Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente, 2025.

Com base na produção analisada, Bongono *et al.* (2025) apresenta a Saúde Única como eixo estruturante da vigilância e prevenção de agravos zoonóticos em contextos de risco pandêmico, destacando que a integração entre setores humanos, animais e ambientais amplia a capacidade de monitoramento de doenças emergentes. Os autores mostram que plataformas orientadas por essa abordagem favorecem a detecção precoce de surtos, especialmente em países com histórico recente de epidemias, nos quais a articulação intersetorial se mostra decisiva para o desempenho da vigilância zoonótica integrada (Bongono *et al.*, 2025).

A relação entre emergência de pandemias e a interface humano-animal-ambiente é discutida por Ortiz-Millán (2025), que associa esse fenômeno aos processos contemporâneos de globalização. O autor argumenta que a intensificação da circulação de pessoas, animais e mercadorias amplia a exposição a patógenos zoonóticos, tornando insuficientes respostas baseadas em setores isolados. Nesse cenário, a Saúde Única é apresentada como abordagem capaz de lidar com a complexidade dos determinantes sanitários atuais, ao integrar múltiplas dimensões do risco pandêmico.

A articulação entre a Saúde Única e os marcos normativos internacionais é discutida por Mohamed (2024), que analisa a convergência entre o Regulamento Sanitário Internacional e a abordagem *One Health*. O autor destaca que essa integração fortalece a segurança sanitária global ao ampliar o monitoramento de riscos transfronteiriços e favorecer respostas coordenadas. Ao mesmo tempo, aponta que a ausência dessa articulação constitui fragilidade estrutural na governança global em saúde, especialmente diante de emergências de rápida disseminação.

A vigilância integrada aparece como pilar operacional da Saúde Única no estudo de Fieldhouse *et al.* (2025), que analisam métricas de tempo de resposta em emergências multisectoriais. Os autores demonstram que a troca sistemática de informações entre setores humanos, animais e ambientais contribui para respostas mais tempestivas e eficazes. Essa coordenação intersetorial é apresentada como elemento central para a redução de impactos sanitários em contextos de crise.

No campo das políticas públicas, Dar *et al.* (2025) discute a incorporação da Saúde Única como diretriz estratégica voltada à sustentabilidade e à segurança sanitária. Os autores identificam convergências e divergências entre setores na implementação da abordagem, mostrando que prioridades institucionais distintas geram desafios de coordenação. Ainda assim, argumentam que a

Saúde Única oferece um referencial capaz de equilibrar interesses setoriais, mesmo diante de *trade-offs* estruturais (Fieldhouse *et al.*, 2025).

A lógica preventiva associada à Saúde Única é aprofundada por Mohamed (2024), que a contrapõe a modelos reativos tradicionais de enfrentamento de pandemias. O autor sustenta que a consideração simultânea de fatores ecológicos, sociais e sanitários amplia a capacidade de antecipação de riscos. A integração entre vigilância, prevenção e resposta é apresentada como condição essencial para a proteção da saúde em escala global (Mohamed, 2024).

A dimensão socioecológica da Saúde Única é explorada por Winkler *et al.* (2025), que associam a abordagem à promoção de sistemas mais sustentáveis e equitativos. Os autores destacam que o reconhecimento da interdependência entre saúde, meio ambiente e desenvolvimento amplia o escopo da prevenção de doenças. Essa perspectiva é alinhada a princípios de equidade e justiça socioambiental discutidos em documentos de comissões internacionais (Ortiz-Millán, 2025).

Os desafios operacionais da implementação da Saúde Única são analisados por Bongono *et al.* (2025) em estudos conduzidos em países africanos. Os autores apontam limitações institucionais, escassez de recursos e fragilidades na governança intersetorial como fatores que comprometem a efetividade das ações. Ainda assim, defendem a abordagem como necessária diante da complexidade das ameaças zoonóticas emergentes.

A relação entre biossegurança e Saúde Única é discutida por Hulme *et al.* (2025), que alerta para os limites de políticas fragmentadas nesse campo. Os autores argumentam que a integração de estratégias de biossegurança é essencial para prevenir ameaças biológicas emergentes, ampliando a proteção frente a riscos globais. Esse alinhamento é apresentado como componente estratégico da governança sanitária contemporânea.

A contribuição da Saúde Única para respostas mais equitativas às emergências sanitárias é analisada por Winkler *et al.* (2025), que enfatizam o reconhecimento das desigualdades estruturais entre países e setores. Os autores destacam que a integração de saberes locais e globais amplia a legitimidade das ações preventivas e fortalece a justiça socioambiental no enfrentamento de crises.

O caráter plural do conceito é problematizado por Ortiz-Millán (2025), que discute a diversidade de interpretações atribuídas à abordagem por diferentes setores. Essa pluralidade é apontada como fonte de ambiguidades operacionais, ao mesmo tempo em que reflete a complexidade dos sistemas socioecológicos. O autor defende a necessidade de maior alinhamento conceitual para fortalecer sua aplicação prática.

A Saúde Única como estratégia transversal de prevenção de pandemias é discutida por Dar *et al.* (2025), que reconhece sua relevância frente ao aumento dos riscos globais. Os autores também destacam limitações institucionais que dificultam sua operacionalização, reforçando que a articulação intersetorial permanece como elemento central para aproximar conceito e prática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incorporação do conceito de Saúde Única no campo da saúde pública reflete uma tentativa de responder à complexidade crescente dos riscos sanitários globais, especialmente aqueles relacionados à emergência e reemergência de doenças infecciosas. Ao reconhecer a interdependência entre saúde humana, animal e ambiental, essa abordagem amplia a compreensão dos processos que sustentam eventos pandêmicos e desloca o olhar para além de respostas setoriais isoladas. A literatura analisada aponta que isso tem sido mobilizada como um referencial integrador, capaz de articular vigilância, prevenção e governança em cenários marcados por múltiplos determinantes sociais, ecológicos e institucionais.

No contexto brasileiro, a magnitude das zoonoses e sua distribuição desigual no território evidenciam a relevância de estratégias que considerem simultaneamente fatores ambientais, sociais e sanitários. Os dados de morbimortalidade discutidos ao longo do estudo reforçam que agravos dessa natureza não podem ser compreendidos apenas a partir da saúde humana, uma vez que refletem processos históricos de vulnerabilidade social, degradação ambiental e limitações estruturais dos sistemas de vigilância. Nesse sentido, a Saúde Única oferece uma lente analítica que permite integrar essas dimensões e ampliar a capacidade de antecipação de riscos sanitários complexos.

A experiência recente da pandemia de COVID-19 contribuiu para consolidar a vigilância integrada como eixo central das respostas a emergências sanitárias. A articulação entre vigilância epidemiológica, laboratorial, genômica e ambiental, discutida na literatura, demonstra que abordagens coordenadas favorecem respostas mais oportunas e consistentes. Contudo, os estudos também apontam que a efetivação desse arranjo depende de condições institucionais concretas, como financiamento adequado, sistemas de informação interoperáveis e mecanismos estáveis de cooperação intersetorial.

Apesar de sua ampla difusão, o conceito de Saúde Única ainda apresenta desafios relacionados à diversidade de interpretações e à ausência de uniformidade conceitual. Essa pluralidade, ao mesmo tempo em que reflete a complexidade dos sistemas socioecológicos, pode dificultar sua operacionalização prática e a consolidação de estratégias articuladas no cotidiano das políticas públicas. A necessidade de maior sistematização conceitual e de alinhamento entre setores emerge como elemento recorrente nas produções analisadas.

Dessa forma, a Saúde Única se afirma como um referencial teórico e estratégico relevante para a prevenção de pandemias, especialmente por propor a integração de saberes, práticas e setores tradicionalmente fragmentados. No entanto, sua consolidação exige esforços contínuos de fortalecimento institucional, aprimoramento da governança intersetorial e organização do conhecimento disponível. A análise crítica da literatura recente evidencia que avançar nessa direção implica transformar o conceito em prática concreta, capaz de orientar políticas públicas mais



integradas, sustentáveis e sensíveis às desigualdades estruturais que marcam os cenários sanitários contemporâneos.

REFERÊNCIAS

BONGONO, Emile F et al. Performance of the One Health platform in zoonotic disease surveillance in Guinea. *Frontiers in Public Health*, v. 13, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2025.1634641>.

BASHEER, Aseel et al. Comprehensive review of One Health systems for emerging infectious disease detection and management. *One Health*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.onehlt.2025.101253>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Morbidade e mortalidade por zoonoses no Brasil, 2007–2023. *Boletim Epidemiológico*, Brasília, Ministério da Saúde, 2023. ISSN 2358-9450.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Doença pelo novo coronavírus – COVID-19: boletim epidemiológico especial. Versão 1. Brasília: Ministério da Saúde, 5 jul. 2024.

DAR, Osman Ahmed et al. Exploring a One Health approach to sustainability with international One Health and Global Health Security experts: differences, similarities and trade-offs between sectors. *PLOS Global Public Health*, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pgph.0005225>.

FIELDHOUSE, Jane K et al. An analysis of One Health timeliness metrics across multisectoral public health emergencies in Uganda. *Communications Medicine*, v. 5, p. 192, 2025.

HULME, Philip E et al. One biosecurity is essential to implement One Health. *BioScience*, 2025. Publicação antecipada. p. 1–18. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/biosci/biaf110>.

KAYEMBE-MULUMBA, Blondy; N'GATTIA, Anderson Kouabenan; BELIZAIRE, Marie Roseline Darnycka. One Health, many gaps: rethinking epidemic intelligence in resource-limited settings to prepare for the global threat of Disease X. *Microorganisms*, v. 13, n. 11, p. 2615, 2025.

LI, Tianyun; ZHOU, Xiao-Nong; TANNER, Marcel. One Health: enabler of effective prevention, control and elimination of emerging and re-emerging infectious diseases. *Infectious Diseases of Poverty*, v. 14, p. 77, 2025.

MOHAMED, Abdifetah. The synergies between international health regulations and One Health in safeguarding global health security. *Science in One Health*, v. 3, p. 100078, 2024.

ORTIZ-MILLÁN, Gustavo. One Health in a globalized world: challenges and responses to zoonotic threats. *Global Bioethics*, v. 36, n. 1, p. 2550805, 2025.

RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon et al. Saúde Única: um conceito ambíguo sob debate. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 143, e143ED, out.–dez. 2024.

SHANG, Chuin-Shee; CHOU, Yu-Min; FANG, Chi-Tai. Integrating cross-sectoral epidemic surveillance, prevention, and control in Taiwan: the National One Health Joint Plan of Action 2026–2030. *Journal of the Formosan Medical Association*, 2025. No prelo.

SILVA, Rafael Almeida da et al. A Saúde Única no enfrentamento da resistência bacteriana a antibióticos no âmbito da agropecuária. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 144, e9713, jan.–mar. 2025.



SILVA, Adriana Sodré; BARROS, Ludmilla Santana Soares e. Saúde única e pandemias: impactos das ações antrópicas na emergência de doenças: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal*, v. 19, n. 3, p. 1–25, jan. 2025.

WINKLER, Andrea S. et al. The Lancet One Health Commission: harnessing our interconnectedness for equitable, sustainable, and healthy socioecological systems. *The Lancet*, v. 406, n. 10502, p. 501–570, 2 ago. 2025.